



PAISAGEM E SIMBOLISMO NO ARRAIAL PIONEIRO SÃO GONÇALO EM CUIABÁ / MT

■ SÔNIA REGINA ROMANCINI – DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA / UFMT

RESUMO

O PRESENTE ESTUDO TEM COMO OBJETIVO CENTRAL INVESTIGAR O SIGNIFICADO SIMBÓLICO DA CERÂMICA E DA VIOLA DE COCHO PARA A COMUNIDADE DE SÃO GONÇALO BEIRA RIO, FUNDADA NO SÉCULO XVIII. ENTRE OS PROCEDIMENTOS ADOTADOS DESTACAM-SE: O LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO, A REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS COM ARTESÃOS E O REGISTRO FOTOGRÁFICO. VERIFICOU-SE QUE A CERÂMICA ARTESANAL E A VIOLA DE COCHO SÃO ELEMENTOS QUE CONTRIBUEM PARA A IDENTIDADE DA COMUNIDADE QUE SE DESTACA PELAS DANÇAS DO SIRIRI, DO CURURU E DE SÃO GONÇALO.

PALAVRAS-CHAVE: SÃO GONÇALO, PAISAGEM CULTURAL, CERÂMICA, VIOLA DE COCHO.

INTRODUÇÃO

Entre os arraiais pioneiros de Cuiabá destaca-se a comunidade São Gonçalo Beira Rio, fundada no século XVIII, localizada à margem esquerda do rio Cuiabá, a 11 quilômetros do centro principal da cidade, próxima à barra do rio Coxipó, no Distrito de Coxipó da Ponte. Sua população é de aproximadamente trezentos moradores, distribuídos em setenta famílias com algum grau de parentesco.

Para estudar a espacialidade das manifestações culturais em São Gonçalo Beira Rio, adotou-se uma abordagem qualitativa, a qual, segundo García Ballesteros (1998), não começa com um conjunto de hipóteses a serem verificadas, porém com uma aproximação do lugar de estudo, levantando uma série de problemas e reflexões.

Com o pressuposto de que a paisagem revela os saberes da comunidade, suas técnicas e rituais, o presente estudo tem como objeto central o significado simbólico da cerâmica e da viola de cocho para a comunidade. Inicialmente, o trabalho foi de-

envolvido como monografia de especialização em 1993. Em agosto de 2003, teve início o projeto de pesquisa "Espaço e manifestações culturais na região de Cuiabá", o qual contempla diversos municípios.¹ Entre os procedimentos adotados destacam-se o levantamento bibliográfico, conversas informais, a realização de entrevistas com artesãos e lideranças da comunidade e registro fotográfico.

O trabalho foi pautado no conceito geográfico de cultura apresentado por Claval (1999:63):

A cultura é a soma dos comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos e valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é uma herança transmitida de uma geração a outra. (...) Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo.

A análise da paisagem foi realizada sob a perspectiva de Corrêa (2003:179), segundo o qual "a paisagem urbana permite múltiplas leituras a partir de diversos contextos histórico-culturais, envolvendo diferenças sociais, poder, crenças e valores".

Destaca-se ainda a contribuição de Claval (1999:14) que chama a atenção para o fato de que a paisagem permite fazer uma leitura sobre o progresso técnico e os valores de uma sociedade:

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. É marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos. Constitui desta forma um documento-chave para compreender as culturas, o único que subsiste freqüentemente para as sociedades do passado.

AS HERANÇAS PAISAGÍSTICAS _____

Ao discutir uma metodologia para o estudo da paisagem cultural, Puerto Martin et al. (1984) ressalta que a paisagem comporta uma série de influências culturais e características herdadas ao longo de um processo histórico. Assim, existe uma herança em relação às características da paisagem, e as situações atuais, às vezes, não podem ser compreendidas sem ter em conta os acontecimentos do passado. Nesta perspectiva, para exemplificar como se deu a formação dessa paisagem peculiar, apresenta-se um breve histórico da comunidade.

A história urbana de Mato Grosso tem seu início em 1719, com a bandeira de Pascoal Moreira Cabral que, à procura de índios destinados ao cativoiro, acabou encontrando ouro no rio Coxipó, onde fundou o Arraial da Forquilha, no atual distrito de Coxipó do

Ouro. Para assegurar o direito de posse da área, foi lavrada uma ata de fundação, no dia oito de abril do mesmo ano, na localidade denominada São Gonçalo Velho, atualmente São Gonçalo Beira Rio. Neste período, São Gonçalo detinha o porto que permitia a comunicação entre as minas e a Capitania. Nesta comunidade, próxima à barra do rio Coxipó, foi erigida uma capela dedicada a São Gonçalo.

Em 1722, a descoberta das lavras do Sutil, no córrego da Prainha, abaixo do outeiro onde se situa a igreja do Rosário, atraiu a população de Forquilha. Com a mudança dos rumos da cidade em direção à Prainha, mudou também o local do porto, que foi transferido para o atual bairro do Porto, onde ergueram uma nova capela de São Gonçalo em 1781.

A presença dos índios Coxiponé ficou refletida nos traços dos moradores de São Gonçalo, nas rimas e músicas, na cerâmica, na pesca, no uso de plantas medicinais, na canoa feita de um tronco de árvore, na benzedeira, nas danças, dentre outros aspectos culturais que são mantidos até os dias atuais.

Em 1914, foi montada nas proximidades do povoado, na margem direita do rio Cuiabá, a Usina de São Gonçalo, com produção de açúcar e álcool, que foi responsável pelo crescimento do pequeno núcleo onde os lavradores plantavam canaviais, cujo produto vendiam aos usineiros para o consumo nos engenhos.

A decadência da produção açucareira de Mato Grosso na década de 1930, aliada à argila abundante acumulada nas margens do rio Cuiabá e nas várzeas, propiciou ao artesanato de cerâmica tornar-se o meio de vida de grande parte da comunidade. A cerâmica é feita principalmente pelas mulheres. Os homens preparam o barro, ajudam a dar o acabamento, enfornam e queimam as peças. As crianças fazem peças pequenas, que aprendem no convívio familiar.

As principais peças produzidas eram asoringas, potes, talhas, vasos e panelas. A partir da década de 1960, além da cerâmica utilitária, os artesãos passam a produzir peças ornamentais como figuras de aves e animais, damas, santos, presépios, banda de músicos, moringas-bonecas, talhas e vasos ornamentados. Segundo a historiadora Therezinha Arruda, que realizou estudos na comunidade na década de 1970, "se as formas se modificam ou surgem outras em função de novos hábitos do consumidor, a tradição artesanal permanece intacta" (Arruda e Romancini, 1994:30).

Essas mudanças ocorreram face ao avanço da sociedade de consumo que influenciou os hábitos da população cuiabana. No final da década de 1960, a comunidade foi incorporada à área urbana de Cuiabá, quando os técnicos da prefeitura promoveram a alteração de sua denominação de São Gonçalo Velho para bairro São Gonçalo Beira Rio. Neste período, diversas chácaras em torno de São Gonçalo foram loteadas, dando origem a novos bairros.

Ressalta-se que a cidade de Cuiabá, no início da década de 1970, apresentava cerca de noventa mil habitantes. Em consequência da política de integração da Amazônia à economia nacional, empreendida pelos governos militares, Cuiabá recebeu intenso fluxo migratório, que promoveu intensas mudanças sócio-espaciais, elevando sua população a aproximadamente quinhentos mil habitantes nos dias atuais.

Segundo Romancini (1994), no contexto dessas influências, a comunidade São Gonçalo Beira Rio destacou-se pela manutenção de suas atividades culturais como, por exemplo, a cerâmica artesanal e os instrumentos musicais: viola de cocho, tamborim ou mocho e o ganzá, que acompanham as danças do siriri,² do cururu³ e de São Gonçalo.⁴ Estas manifestações denotam a influência luso-indígena que

caracteriza o período da mineração em Mato Grosso e da influência paraguaia e boliviana nesta região (Diegues Júnior, Rosendahl e Corrêa, 2000).

Ao final da década de 1990, verifica-se uma preocupação, por parte do poder público e da sociedade civil, de revalorizar o patrimônio cultural construído em tempos passados, conforme análise realizada por Abreu (1998:7), "o passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em 'instituições de memória', ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares (...)".

O autor afirma que, na busca da "memória urbana" no Brasil, o passado está sendo revalorizado. Como exemplo dessa preocupação, pode-se citar o tombamento municipal, em dezembro de 1992, que declarou o bairro de São Gonçalo área prioritária para o estímulo à produção e à comercialização da cerâmica artesanal, como uma das mais antigas e tradicionais manifestações culturais do município de Cuiabá, e a festa de São Gonçalo como manifestação popular de interesse para o patrimônio cultural do município de Cuiabá.

É BEM MATO GROSSO, VIOLA DE COCHO _____

A viola de cocho é típica do estado de Mato Grosso, fabricada artesanalmente a partir de um tronco de madeira inteiriça, esculpida no formato de uma viola. No cocho são fixados o tampo e as demais partes que compõem a viola de cocho: cavalete, pestana, encordoamento e os pontos de barbante. Acompanha a viola de cocho o ganzá, um instrumento de percussão feito de taquara e trabalhado ainda verde, percutido com um pedaço de osso ou ferro, e o mocho, também conhecido como tamborete ou tamborim, que é um banco de madeira com assento de couro cru, percutido com duas baquetas de madeira.

Em São Gonçalo, o senhor Euclides Maia da Silva, o "seu Bugre", de 84 anos, é uma referência na confecção da viola de cocho. Nascido no Pantanal de Barão de Melgaço, aprendeu esta arte aos dez anos de idade, com seu avô. Hoje, trabalha juntamente com um neto que além da viola para tocar, produz pequenas peças vendidas como lembranças de Cuiabá.

A viola de cocho representa um patrimônio cultural para os habitantes do Pantanal Matogrossense e das cidades de seu entorno. Assim, um grupo de pessoas de Corumbá / MS tomou a iniciativa de solicitar ao Ministério da Cultura seu tombamento.⁵ Essa solicitação está pautada na Constituição Brasileira de 1988, que, na Seção II, da Cultura, Artigo 216, assegura:

I. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

(...) II. os modos de criar, fazer e viver. (Brasil, 2004:111).

Entende-se que, na preservação, busca-se a permanência do bem ao qual se atribui valor e/ou significado cultural. O ato de preservar ultrapassa a condição material do bem e alcança também seu significado histórico, seu valor imaterial, artístico, cultural, entre outros. Sob esse prisma, um bem é preservado para continuar evocando a história, a cultura e a memória de um povo para seus contemporâneos ou descendentes (Castilho, 1997).

Como parte das comemorações da festa de São Gonçalo em janeiro do corrente ano foi inaugurado,

pelo governo do Estado, o Centro Sócio-Cultural Antonio Lopes. Trata-se de um espaço adequado para a produção, exposição e comercialização do artesanato produzido pela comunidade, contendo ainda um restaurante regional turístico, que tem por objetivo a inclusão social ao promover a geração de emprego e renda para pessoas da comunidade.

A PAISAGEM REVELA: TEM SÃO GONÇALO, CURURU E SIRIRI _____

Ortega Cantero (1998:137) destaca que a paisagem pode ser entendida como uma imagem cultural "que representa a realidade e a ordena, que lhe atribui valores, dimensões simbólicas e significados". Para o autor, a paisagem traduz os nexos existentes entre o homem e o mundo exterior, é um lugar de significados, uma imagem na qual se projetam experiências intelectuais, afetivas, éticas, estéticas e simbólicas.

Ao percorrer os caminhos de São Gonçalo, o visitante vai encontrar os imensos quintais onde os artesãos organizam os jiraus para a modelagem do barro que dará forma às peças de cerâmica e os fornos onde, posteriormente, as peças serão queimadas. Frondosas mangueiras e cajueiros pontuam de verde a comunidade, cujo silêncio é quebrado pelos acordes da viola de cocho, das cantigas e do movimento das canoas dos pescadores.

De acordo com estudos realizados na comunidade, conclui-se que a paisagem corresponde à afirmativa de Berque (1998) de que ela é simultaneamente marca e matriz. Marca, porque o grupo contribui para modificar o espaço que utiliza e gravar nele os sinais de sua atividade e os símbolos de sua identidade. Matriz, visto que a organização e as formas que a estruturam contribuem para transmitir usos e significações de uma geração a outra.

Neste contexto, destacam-se como elementos predominantes na paisagem de São Gonçalo os aparatos necessários à produção de cerâmica e da viola de cocho e os grupos organizados que estabelecem as diversas relações na comunidade. Ou seja, em São Gonçalo a ceramista é casada com o pescador, que por sua vez é o artesão ou tocador de viola de cocho ou tirador, isto é, pessoa que toca e canta as músicas para a realização das danças de siriri, cururu e São Gonçalo. Os(as) filhos(as) e netos(as) integram os grupos de jovens responsáveis pela perpetuação das danças na comunidade.

Esse sentimento de pertencimento constitui a essência da comunidade e o Aglomerado Urbano Cuiabá – Várzea Grande representa o grupo mais significativo em termos de preservação das tradições matogrossenses. Entre as inúmeras pessoas envolvidas nesse trabalho, destaca-se a senhora Domingas Leonor,⁶ fundadora do grupo folclórico Flor Ribeirinha, conforme se constata em seu depoimento:

Só o Flor Ribeirinha tem dez anos de fundação, o Nova Esperança foi eu que fundei, que viveu dezesseis anos, um dos primeiro grupo de Cuiabá foi o Nova Esperança, só que foi acabano devido que foi morrendo as pessoas que era muita pessoa de idade né e aí foi isso, faleceram e aí foi acabando tocador, daí que a gente deu essa retomada de novo pra montar o Flor Ribeirinha. Foram os filhos netos de pessoas que faleceram, porque São Gonçalo é uma família né, então a gente tomô essa iniciativa, eles pediram pra mim, por isso que sou feliz e hoje me sinto uma pessoa, a mulher Domingas realizada, na área da cultura eu tenho trinta e oito anos de cultura do Estado, trabalhando e brigando prá chorá, sorri, tudo pra defendê a cultura, porque eu vivo ela.

Apesar de considerar que há pouco apoio do poder público para o fortalecimento das atividades da comunidade, a senhora Domingas⁷ reconhece que a cultura propicia a união da comunidade:

(...) Nós tem raízes pra oferecê, nós temos bagage pra mostrar (...) Aqui que começô Cuiabá, então a pessoa tem que respeitá é raízes ribeirinha (...) porque ela é um fruto desta terra, ela é o fruto da cultura que brotô uma nova flor, um botão e saiu esta flor que é o Flor Ribeirinha, então por isso que é os grupos outros que tem que respeitá nós, porque nós temos ceramista, pescador, nós temos o índio, nós tem tudo aqui dentro porque aqui que começô Cuiabá, aqui é o alicerce, quer queira quer num queira nós tem tudo de cultura bonito para oferecer pro povo, turista, temos sangue aqui dos mais pequinininho, aqui tem o Ítalo que tem sete anos, até na viola de cocho o guri sabe batê cururu, siriri, rasqueado, a dança de São Gonçalo. Joga o tambori na mão dele, o guri sabe tocá, então tá no sangue. É por isso que eu gostaria de frisá, tem que respeitá o Flor Ribeirinha, nós não somos melhores não, é porque nós trabalhamos, trabalhamos com amor, com vida, eu dô minha vida por meu grupo, porque eu trabalho só, num tenho ajuda de ninguém, nem patrocínio de ninguém, falam: – a Domingas recebeu patrocínio (...) Patrocínio sim de Deus, lá de cima e senhor São Gonçalo que dá essa força pra gente.

Castells entende por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural ou um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, que prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Segundo o autor:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela História, Geografia, Biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo e espaço (Castells, 2002:23).

De acordo com os depoimentos dos ceramistas e artesãos da viola de cocho, verifica-se que a paisagem constitui um dos traços principais da identidade da comunidade, um patrimônio que revela sua história, cultura e memória. Sob esse prisma, acreditamos que a identificação com o lugar se traduz "tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão social" (Bossé, 2004:161).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade São Gonçalo Beira Rio representa um grupo participativo, coeso nas lutas por seus direitos e que mantém a sua identidade cultural, revelando seu fortalecimento e orgulho pela riqueza da produção material e simbólica que soube preservar. A alegria e o espírito acolhedor de seus moradores é contagiante e encontra na festa de São Gonçalo o momento de maior expressão.

Embora outros bairros da cidade atraíam a mão-de-obra dos jovens de São Gonçalo, muitos permanecem na comunidade dedicando-se ao artesanato da cerâmica e da viola de cocho, integrando os grupos de cururu e siriri e as rodas de São Gonçalo.

De acordo com os estudos realizados, considera-se que a cerâmica e a viola de cocho são bens plenos de significado simbólico, porque além de revelarem os conhecimentos necessários à sua produção, permeiam as crenças, os valores, as festas, o espírito de solidariedade e a vida da comunidade.

Pode-se afirmar que essa paisagem é uma rica herança para a cidade de Cuiabá, por esse motivo, o arraial pioneiro São Gonçalo é uma referência para os estudiosos de diferentes áreas do conhecimento e para aqueles que valorizam o patrimônio cultural, propiciando um elo entre o passado, o presente e o futuro da cidade.

NOTAS

- ¹ No decorrer desses onze anos, a comunidade foi revisitada para trabalhos de campo com os alunos do curso de graduação em Geografia. Atualmente, compõe uma das áreas estudadas pelo projeto, sob minha coordenação, "Espaço e manifestações culturais na região de Cuiabá" desenvolvido com o apoio da Propeq – UFMT / CNPq.
- ² O siriri é uma dança de pares cuja origem é atribuída às danças indígenas. O ritmo alegre e movimentado é obtido através de uma ou mais violas de cocho, do ganzá e do mocho. As duas coreografias básicas do siriri são a roda e a fileira.
- ³ O cururu é uma dança dos homens que, em roda, numa sala ou ar livre, cantam ao som de violas de cocho e ganzás, versos em homenagem ao santo(a) festejado(a).
- ⁴ A festa de São Gonçalo é realizada no dia 10 de janeiro ou em final de semana próximo a esta data. Os organizadores da festa formam um "rainhado", ou seja, um rei, uma rainha, o alferes de bandeira, o capitão de mastro, juiz e juíza de ramos, juiz e juíza de altar. A festa acontece no centro sócio-cultural, onde é montado um altar com a imagem de São Gonçalo. À noite, as velas são acesas e os tocadores de viola de cocho e ganzá tomam seus lugares diante do altar, formando um semicírculo para saudar o santo e dançar o cururu. Em seguida, os festeiros convidam os tiradores da dança de São Gonçalo ou capelães,

que são as pessoas que ficam à frente das filas tirando a reza, os versos e tocando suas violas enfeitadas com fitas coloridas, dando início aos movimentos coreográficos.

⁵ O tombamento é definido como o conjunto de ações realizadas pelo poder público, com o objetivo de preservar, através da aplicação de legislação específica, bens culturais de valor histórico, artístico, arquitetônico, arqueológico e ambiental, de interesse para a população, impedindo que venham a ser demolidos, destruídos ou mutilados.

⁶ Entrevista concedida à bolsista de iniciação científica Paula Alexandra Soares da Silva, em 05/06/2004.

⁷ Idem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de A. "Sobre a memória das cidades". Território. Rio de Janeiro: LAGET, ano III, n.4, jan./jun. 1998, pp.4-26.

BERQUE, Augustin. "Paisagem-marca, Paisagem-matriz: Elementos da problemática para uma geografia cultural". In: CORRÊA, Roberto L; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, pp. 84-123.

BOSSÉ, Mathias Le. "As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas". In: CORRÊA, Roberto L; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Paisagens, textos e

identidade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, pp. 157-179.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2004, p. 315.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 530.

CASTILHO, Elizethe Rosa. Patrimônio histórico – uma questão de identidade. Secretaria de Estado de Cultura. Coordenadoria de Preservação Cultural. Cuiabá: SEC, 1997, p. 21.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural. Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth C. A. Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999, p. 453.

CORRÊA, Roberto Lobato. "A Geografia Cultural e o Urbano". In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, pp.167-224.

GARCÍA BALLESTEROS, Aurora (coord.) Métodos y técnicas cualitativas en geografía social. Barcelona: Oikos-tau, 1998, p. 239.

ORTEGA CANTERO, Nicolás. "Paisaje y cultura". In: Paisaje y Medio Ambiente. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones, 1998, pp.137-152.

PUERTO MARTIN, Angel et al. "El paisaje i rasgos teóricos en la búsqueda metodologica". Salamanca – Revista Provincial de Estudios. Salamanca, n.13, julio-septiembre, 1984, pp.9-32.

ROMANCINI, Sônia Regina. Educação Ambiental – Cultura Popular. (Monografia de especialização). Cuiabá: IE – UFMT, 1994, p. 50.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. "Heterogeneidade e transformação espacial no Brasil". Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 9-10, jan./dez. 2000, pp.57-64.

ABSTRACT

THIS ARTICLE PRESENTS A STUDY ABOUT THE SYMBOLIC MEANING OF CERAMICS AND VIOLA DE COCHO TO THE COMMUNITY SÃO GONÇALO BEIRA RIO, FOUNDED IN THE 18TH CENTURY. THE METHODOLOGICAL PROCEDURES COVERED A BIBLIOGRAPHICAL SURVEY AND THE USE OF INTERVIEWS. IT WAS VERIFIED THAT CERAMICS AND VIOLA DE COCHO ARE ELEMENTS THAT CONTRIBUTE TO THE IDENTITY OF THE COMMUNITY THAT IS IMPORTANT BECAUSE OF THE SIRIRI, CURURU AND SÃO GONÇALO DANCES.

KEYWORDS: SÃO GONÇALO, CULTURAL LANDSCAPE, CERAMICS, VIOLA DE COCHO.